



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_06/2016

Homilia na Sexta-feira Santa

Braga, Sé Catedral, 25.Mar.2016, 15h

Abri os meus olhos

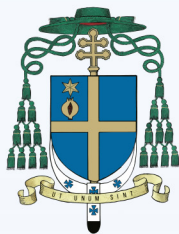
Relata-nos o evangelista Mateus que, junto à cruz, “estavam ali, a **observar** de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus” (Mt 27, 55). Estavam ainda curiosos, o discípulo amado, Maria, o centurião e os guardas. Foram precisamente estes que, “**vendo** o tremor de terra e o que estava a acontecer” (Mt 27, 54), fizeram a primeira profissão de fé em Cristo: “Este era verdadeiramente o Filho de Deus!” (Mt 27, 54).

A **visão**, como intuímos, desempenha um papel fundamental no acesso ao mistério da fé. Muitos irmãos nossos, não-crentes, dizem-nos abertamente “*não vejo nada, nunca vi Deus ou alguém ressuscitar*” e por isso não acredito. O drama do apóstolo Tomé parece repetir-se ao longo da história. Enquanto os discípulos diziam “**Vimos o Senhor!**”, Tomé, desconcertado, respondeu “Se eu não **vir** o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito” (Jo 20, 25). Para muitos, a pedra rolada no sepulcro impede-os de verem o ressuscitado.

Já no Antigo Testamento, como recordei no Domingo de Ramos, o rosto de Deus, tal como o seu nome, era inacessível (*ha-Shem*). E, infelizmente, criou-se uma ideia errónea de Deus: ausente e preocupado apenas consigo. Esta é uma imagem tão terrível quanto cómoda e desresponsabilizante. Se Deus não está próximo de mim, se não fala comigo, então também não O quero ver. Na realidade, sabemos que esta afirmação é injusta. Deus fez-se carne e permitiu-nos vê-lo face a face. Vimo-lo no rosto sofrido e ressuscitado de Cristo e tocámos o seu lado aberto. Mas vimo-lo também, como recordaram vários poetas e filósofos do Holocausto, no rosto sofrido do inocente.

A celebração da morte revela-nos precisamente o Filho de Deus, sensível à Humanidade, que entregou a Sua vida em favor dos outros. Não é um teatro litúrgico ou simples memória histórica. À semelhança da eucaristia, o evento histórico das três horas da tarde, em que o véu do tempo se rasgou de alto a baixo, actualiza-se nesta celebração. Não podemos, por isso, ficar inertes, estacados perante o horror da dor e do sofrimento. Na Paixão somos convidados a entender a urgência da compaixão e, padecendo com Cristo, a assumir a figura do Cireneu que carrega e alivia a cruz dolente.

Permitam-me que cite a letra de uma das músicas mais intensas do P. Manuel Faria, de quem nesta Semana Santa quero que recordemos o centenário do seu nascimento, *Atei os meus braços*. “Hei-de fazer florir açucenas nos meus lábios; Hei-de apertar a mão que me castiga; Hei-de beijar a cinza dos escombros; Hei-de esmagar a dor; E hei-de trazer, aqui, sobre os meus ombros, a tua cruz, Senhor!”.



A cruz dos nossos problemas, assumida e sintetizada na cruz de Cristo, é dramática. A verdade é que não podemos fugir dela e tantas vezes parece-nos *beijar a cinza dos escombros*. Mas esse beijo não tem de ser solitário. Assim como o Cireneu e Maria viram e beijaram a cruz de Cristo, assim nós podemos e devemos replicar esse gesto profundamente cristão. Não pela cruz, porque ela mesma não é o símbolo cristão, mas por amor ao crucificado e à pessoa que se *sente esmagada pela dor*. Ou será que já nos habituamos de tal modo à dor, apresentada diariamente pela televisão, que estamos anestesiados e não vemos tantas dores e mortes que clamam a nossa intervenção?

O Ano da Misericórdia impele-nos a **ver** o sofrimento, a doença e a morte. A dor acompanha a nossa vida e provoca muitas angústias e experiências de fracasso. Gera solidão e silêncio. Faz-nos mergulhar em situações por vezes inexplicáveis. Vemos o sofrimento pessoal e o dos outros, embora muitas vezes nos preocupemos quase só com o nosso.

Pela fé sabemos que o sofrimento é uma linguagem e uma mensagem. Importa que sejamos capazes de as decifrar, não apenas as palavras amargas que nos chegam aos ouvidos mas também os silêncios e os diversos modos de comunicar. É chegado o momento de construir uma nova gramática cristã para a dor. Uma gramática simples, feita de palavras despreziosas e genuínas. Uma gramática de esperança para que se veja “um ramo de amendoeira” (Jr 1, 11) e açucenas florescem em espaços consagrados aos espinhos. Recordo-me, de modo particular, dos hospitais, das crianças enfermas e da solidão dos mais idosos. Sem ramos de esperança, a morte parece a solução mais humana. Isso é falso! A humanização do sofrimento dá-se pela presença qualificada e de qualidade. Dá-se pela mão que aperta a dor, pelo rosto que não se desvia ante a desfiguração e pela voz que acompanha. A tradição cristã é muito clara ao afirmar que o amor é a única linguagem capaz de vencer a morte. E amar significa estar presente e abraçar a cruz até ao último suspiro natural. O domínio sobre a vida pertence única e exclusivamente a Deus. Nós, segundo a teologia do livro do *Génesis*, somos apenas seus guardiães. A campanha pela eutanásia está aí! Mostremos o valor das nossas convicções.

Este ano, como estamos conscientes, foi marcado por atrozos atentados à vida e à dignidade humana. Centenas de cristãos foram perseguidos e mortos na Síria. Milhares de refugiados morreram na travessia do mar Egeu. Dezenas de pessoas foram assassinadas em actos terroristas. E na passada terça-feira chocou-nos, uma vez mais, a violência dos atentados em Bruxelas com dezenas de vítimas. Que mundo é este que estamos a construir? Algumas vozes acusam a religião de promover o ódio e a violência. Permitam-me que discorde. Sempre que a violência é usada em nome de Deus, temos de ser veementes no seu repúdio e gritar com voz alta a sua falsidade.

Quando Moisés subiu ao monte Sinai, teve a oportunidade de ouvir Deus falar sobre Si mesmo. O Senhor, diz o livro do Êxodo, é um “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoo a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não declara inocente o culpado” (Ex 34, 6-7). Este é o rosto de Deus: lento para a ira e rico em misericórdia. Não recusa a dor e o sofrimento mas faz nascer esperança onde tudo é morte. E esta deveria ser também a nossa atitude neste dia da celebração da morte de Cristo. Ver as dores e não passar à frente. Fazer dos sofrimentos da Humanidade os nossos e aí colocar sementes de esperança que os atenuem.



“O amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e que nos impele a amar. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (Cf. 1 Jo 4, 8) e torna-se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar” (*Deus caritas est* 31). Seguindo estas palavras do Papa Bento XVI, deixemos que o amor fale mais alto do que a indiferença e o ódio.

Vendo Jesus na cruz, deixemos que fale agora a gramática do amor e que o silêncio eleve aos céus as nossas orações. Vendo Jesus na cruz, rezemos por quem sofre, pelos inocentes e por quem nunca teve um cireneu ao seu lado. Vendo Jesus na cruz, lembremo-nos, por fim, de todos quantos no seu interior disseram “nunca vi Deus” (Cf. 1 Jo 4, 12) e que a nossa oração e o nosso testemunho sejam razão para dizerem “é a tua face que eu procuro, SENHOR!” (Slm 27, 8). Sim! Procurar a face de Cristo no crucifixo, mas encontrá-la nas situações dolorosas pessoais e daqueles e daquelas com quem nos encontramos no peregrinar da vida.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*